

Eduardo Andrés Ruz Torres

**Brasil: A terra de Jauja.
Imigração espanhola no
século XIX**

Resumo

Neste artigo, traçamos um panorama geral da imigração espanhola, começando por reafirmar que o século XIX europeu foi de contrastes. Por uma parte existiu a convicção da evolução social graças ao desenvolvimento econômico industrial, mas, ao mesmo tempo, foi percebido o descalabro das sociedades urbanas e rurais que foram afetadas diretamente pela crença no futuro de esplendor e, sobretudo, de progresso. Os impulsos migratórios espanhóis, que aqui brevemente apresentamos, foram o resultado da falta do progresso prometido às diferentes comunidades distribuídas no – ainda – Império espanhol. Uma série de falências tanto econômicas como políticas propiciaram a procura por um novo lar. Este novo lugar muitas vezes apresentou-se como o paraíso prometido, como “*La tierra de Jauja*”, mas, que na realidade passou de elemento edênico a um elemento terrenal. Este artigo pretende apresentar um breve panorama da situação espanhola no século XIX, que propiciou a saída massiva de seus cidadãos em procura de melhores condições de vida, e também, mostrar quais foram as características que tornaram o Brasil – país que a diferencia do resto da América Latina, possuía outra língua, mas, mesmo assim – um ponto atrativo à vinda destes imigrantes.

Palavras-chave: Imigração espanhola; século XIX; Brasil; São Paulo; motivações

94

Résumé

Cet article donne un aperçu de l'immigration espagnole, en réaffirmant d'abord que le XIXe siècle européen était plein de contrastes. D'un côté il existait la conviction de l'évolution sociale grâce au développement économique industriel, mais, en même temps, l'effondrement perçu des sociétés urbaines et rurales ont directement touché l'espoir d'un avenir brillant et surtout de progrès. Les impulsions migratoires espagnoles, que nous présentons brièvement ici, sont le résultat de l'absence du progrès promis dans les différentes communautés du – pour le moment - Empire espagnol. Une série de faillites, tant économiques que politiques, a propulsé la recherche d'une nouvelle terre d'accueil. Ce nouveau lieu fut souvent présenté comme le paradis promis, connu comme "La tierra de Jauja", mais il est en fait passé de l'élément édénique à l'élément terrestre. Cet article vise à présenter un bref aperçu de la situation espagnole au XIXe siècle, qui a conduit à l'exode massif de ses citoyens à la recherche de meilleures conditions de vie, et aussi de montrer quelles sont les caractéristiques qui ont fait le Brésil - un pays qui se

distingue du reste d'Amérique latine, qui parle une autre langue - un point attrayant pour l'arrivée de ces immigrants.

Mots-clés : l'immigration espagnole; siècle XIX ; Brésil ; Sao Paulo ; motivations

PANARIZO: Mucho mejor sería, si tú lo pudieses lograr, que la hiciesen *obispesa* de la tierra de Jauja.
MENDRUGO: ¡Cómo! ¿Qué tierra es ésa?
HONCIGERA: Muy extremada, donde pagan soldada a los hombres por dormir.
MENDRUGO: ¿Por tu vida?
PANARIZO: Sí, de verdad.

La Tierra de Jauja¹,
de Lope de Rueda

Desde a época de D. João VI, ou melhor, desde a chegada de D. João VI e sua corte ao Brasil existiu, inicialmente, uma forte preocupação com as fronteiras da colônia brasileira. Era necessário assentar gente para a proteção do território. Porém, havia um problema: de onde conseguir pessoas para povoar? A solução inicial foi lançar mão à importação subsidiada de europeus². Foram criadas diferentes colônias internas com esse objetivo e todos os estrangeiros chegados recebiam "*tierra, animales – bueyes, caballos, vacas, ovejas, cabras y cerdos –, semillas de trigo, judías, arroz, patatas, maíz, ricino, lino, cáñamo, así como víveres en especies o dinero durante los dos primeros años de su establecimiento*"³, assim como os estrangeiros que já viviam no país antes desse processo também tiveram direito de viver em uma dessas colônias e receber sua parcela de terra. Foi o início do povoamento maciço do centro do país e das regiões do Sul, sempre em conflito com a coroa espanhola.

Tal necessidade de estrangeiros livres já se mostrava como uma política estratégica e não fez mais que acentuar-se com a Independência brasileira. Então, já não era o rei português quem tinha as rédeas do governo brasileiro, porém seu filho D. Pedro I, quem decretou a Independência e se autoproclamou imperador.

Essas mudanças políticas não alteraram inicialmente o processo imigratório que vinha sendo seguido como política estatal. Assim, as formas se mantiveram e outros grupos de assentamento criaram-se dentro do território, tendo como prioridades as regiões sudeste, sudoeste e sul.

* Eduardo Andrés Ruz Torres – Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas

¹ La tierra de Jauja, é um *entremés* (peça teatral jocosa) de Lope de Rueda, publicada em 1547, que trata da história de dois famintos que contam histórias fantásticas de uma terra onde o pão brota das árvores e os rios são de manteiga e mel. É a visão que se tem do novo continente: América, a partir da recuperação de tradições medievais que contam do "*País da Cocanha*" um lugar onde não se trabalha e o alimento abunda, e que se revitaliza com a descoberta do novo continente e os relatos dos descobridores.

² Este é o ponto inicial das políticas estatais referentes ao ingresso subsidiado de colonos estrangeiros no Brasil.

³ GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2003, p. 24

As medidas de povoamento associadas à precária situação dos cofres fiscais do império provocou uma dura oposição ao governo de D. Pedro I, quem se viu obrigado a suspender a criação de novos núcleos coloniais e, também aqueles que já estavam criados, foram abandonados pela administração⁴.

Estas medidas de povoamento foram criticadas fundamentalmente porque se acusava o Estado de estar fazendo proprietários de terras aos estrangeiros recém-chegados. Um dos artífices dessas acusações era Nicolau Campos Vergueiro, que no futuro foi um dos promotores da chegada de imigrantes pela via do subsídio privado-estatal, através do chamado *sistema de parcerias*.

Com o transcurso da década de 1830 e da de 1840, os estrangeiros continuavam a chegar pelo intermédio de novas leis de imigração e novas leis de nacionalização que facilitavam o acesso a terra, ainda que o proceder do Estado desta vez fosse diferente. O fim agora não era fazê-los proprietários, mas que as terras públicas fossem destinadas à venda, através de *sociedades colonizadoras privadas*. Essas terras chegaram aos colonos em forma de pequenas propriedades. Agora o Estado ao invés de desembolsar recursos, simplesmente redistribuiu as terras ociosas para a criação de colônias.

Com a década de 1850, chegou também ao Brasil, ainda que motivado por pressões inglesas, o fim do tráfico escravo marítimo. Tal fato supõe a extinção da renovação da mão de obra escrava e um aumento do valor desta por ser de oferta limitada, de forma que apenas os produtores mais caudalosos podiam ter acesso a sua compra. A partir desse momento houve um tráfico interno desde as regiões norte e nordeste – que viviam a decadência agrícola pelo baixo preço da cana de açúcar – em direção às regiões do centro-oeste, que estavam revitalizadas pelo cultivo do café e seu bom preço e demanda internacional.⁵

Paradoxalmente, o governo imperial e a classe agrícola dominante não tinham uma política clara de imigração de mão de obra livre para o trabalho em grandes plantações, pois sempre tiveram acesso à inesgotável fonte de mão de obra escrava e tampouco havia o interesse em eliminá-la. O único interesse que mostrava pelas

⁴ "La Ley del Presupuesto del 15 de diciembre de 1830 suspendió todos los créditos destinados a la colonización". MARTÍNEZ. Idem, 2003, p.26

⁵ Com relação à migração interna dos escravos nas regiões do Sul, é importante indicar que estes estavam proibidos de trabalhar nas colônias de estrangeiros.

colônias de europeus era com a finalidade de assentar pessoas nas fronteiras do Sul (colônias de povoamento) e bloquear um suposto avanço da área de influência espanhola.

Esse contexto se viu profundamente alterado com o cessar do tráfico atlântico e promoveu um sério estudo para o ingresso de estrangeiros europeus para trabalhar de forma assalariada na área de maior êxito econômico e sustentador da economia brasileira em sua máxima expressão, na área do café.

Dada essa situação, somada à lei do Ventre Livre de 1871, que cortaria definitivamente a regeneração do sistema escravo, e o auge das políticas liberais internacionalmente motivadas pela revolução industrial, teremos um ponto de inflexão para o processo de “importação” de mão de obra livre europeia para o trabalho agrícola brasileiro.

A década de 1850 foi caracterizada pela forte retomada da imigração subsidiada e foi nestes anos onde também foi finalizado o procedimento de outorgar terras aos colonos e por pressões dos grandes proprietários e barões do café, o processo seria de trabalho remunerado nas plantações e na importação subsidiada de europeus, patrocinada pelos barões e pelo Estado.

Todos estes acontecimentos, somados à erradicação da escravatura no ano de 1888, potencializaram a contratação de europeus – período que ficou conhecido como “imigração massiva” –, e dentre eles os espanhóis, já familiarizados com a América, por tudo o que representava para a Espanha. No entanto não eram familiarizados com o Brasil, que ainda que americano, era português.

Brevíssima descrição dos espanhóis em São Paulo

HONCIGERA: Ven acá, asíentate un poco y contarte hemos las maravillas de la tierra de Jauja.

MENDRUGO: ¿De dónde, señor?

PANARIZO: De la tierra que azotan los hombres porque trabajan.

MENDRUGO: ¡Oh, qué buena tierra! Cuénteme las maravillas de esa tierra, por vida suya.

HONCIGERA: ¡Sus! Ven acá, asíentate aquí en medio de los dos. Mira...

MENDRUGO: Ya miro, señor.

HONCIGERA: Mira: en la tierra de Jauja, hay un río de miel; y junto a él, otro de leche; y entre río y río, hay un puente de mantequilla encadenado de requesones, y caen en aquel río de la miel, que no parece, sino que están diciendo: “cómeme, cómeme”.

MENDRUGO: Mas, ¡pardiez!, no era de menester a mi convidarme tantas veces.

PANARIZO: ¡Escucha aquí, necio!

MENDRUGO: Ya escucho, señor.

PANARIZO: Mira: en la tierra de Jauja, hay unos árboles que los troncos son de tocino.

MENDRUGO: ¡Oh, benditos árboles! ¡Dios os bendiga, amén!
PANARIZO: Y las hojas son hojuelas, y el fruto d'estos árboles son buñuelos y caen en aquel río de la miel, qu'ellos mismos están diciendo: "máscame, máscame".
(*La Tierra de Jauja* de Lope de Rueda)

Existem muitas hipóteses, como bem indica Blanca Sánchez Alonso, sobre o porquê da imigração espanhola na América e, entre elas, pode-se citar:

La falta de desarrollo de las ciudades españolas supuso un estímulo para la emigración exterior; la presión demográfica fue la clave del fenómeno; los bajos salarios y el atraso agrario impulsaron la emigración; en las zonas de predominio de la pequeña propiedad la propensión a emigrar era mayor.⁶

Esta última informação não faz, senão que, reafirmar a complexidade em identificar de maneira clara e específica as causas deste fenômeno ao outro lado do atlântico, complexidade que também se apresenta no momento de separar as causas econômicas das que não são.

Como dito anteriormente, São Paulo passou a ser o principal destino dos imigrantes chegados da Espanha (e Europa). A política de *importação* de europeus havia mudado com a formalização da libertação da escravatura. Se antes eram trazidas famílias completas para fazê-los proprietários, agora a situação era outra. A necessidade se radicava na obtenção de mão de obra livre, isto é, tudo estava sendo motivado pela mudança socioeconômica sofrida tanto no Brasil como na Espanha naquele final de século XIX e, ainda, facilitado pela revolução tecnológica do transporte marítimo e a consequente baixa de preços.

Boris Fausto aponta:

No caso brasileiro, os dados indicam que em torno de 4,5 milhões de pessoas imigraram para o país entre 1882 e 1934. Destes, 2,3 milhões entraram no estado de São Paulo como passageiros de terceira classe, pelo porto de Santos, não estando, pois, aí incluídas entradas sob outra condição. É necessário ressaltar, porém, que, em certas épocas, foi grande o número de retornados. Em São Paulo, por exemplo, no período de crise cafeeira, (1903-1904), a migração líquida chegou a ser negativa. Um dos traços distintivos da imigração para São Paulo, até 1927, foi o fato de ter sido em muitos casos subsidiada, sobretudo nos primeiros tempos [...] O subsídio consistiu no fornecimento de

⁶ SANCHEZ ALONSO, 1995, p. 32

passagem marítima para o grupo familiar e transporte para as fazendas e foi uma forma de atrair imigrantes pobres para um país cujo clima e condições sanitárias não eram atraentes. A partir dos anos 30, a imigração em massa cedeu terreno. A política nacionalista de alguns países europeus - caso típico da Itália após a ascensão de Mussolini - tendeu a colocar obstáculos à imigração para a América Latina.⁷

Esta política nacionalista à qual Fausto faz referência não foi muito diferente dos impedimentos que existiram na Espanha desde o começo do século XX, onde a emigração ficou bloqueada por decisões oficiais, que veremos mais adiante.

Segundo Ricardo Evaristo dos Santos, em “Política Migratoria Española a Iberoamérica: Aporte Brasil 1890 – 1950”, embora saibamos que foi massivo o ingresso de imigrantes espanhóis na América espanhola e Brasil, é difícil quantificar uma cifra correta das pessoas que chegaram na segunda metade do século XIX. Isto se dá, pois, as primeiras estatísticas foram compiladas e publicadas apenas depois de 1882 e já em 1914, os espanhóis haviam ascendido a um milhão de pessoas aproximadamente. Se estes números, que significam o ingresso no Brasil por imigrantes espanhóis são difíceis de saber, os números do assentamento dos espanhóis, por exemplo, na cidade de Sorocaba pode ser quase como buscar uma agulha no palheiro.

O que poderia lançar uma pista sobre tal informação são as colônias agrícolas criadas em São Paulo pelo governo do estado. Entre elas ressalta o núcleo Bom Sucesso, fundado em 1887 no município de Sorocaba, conseguindo sua emancipação em 1893. Essas colônias agrícolas eram criadas para o assentamento de estrangeiros chegados da Europa. É possível arriscar e deduzir que desde esse núcleo de estrangeiros – e desde o núcleo de Porto Feliz –, os espanhóis começaram a transferir-se para essa cidade chegando a seu núcleo urbano.

⁷ FAUSTO, Boris. [Disponível aqui](#).

IMIGRAÇÃO NO BRASIL DE 1884 A 1939, CLASSIFICADA SEGUNDO O PAÍS
DE ORIGEM¹

País de origem	Imigrantes	% Sobre o total
Itália	1.412.263	34,0
Portugal	1.204.394	29,0
Espanha	581.718	14,0
Japão	185.799	4,5
Alemanha (incl. Danzing)	170.815	4,1
Rússia (incl. Ucrânia)	109.502	2,6
Áustria	85.790	2,1
Turquia	78.455	1,9
Polônia	47.765	1,1
Outros	282.216	6,7
TOTAL	4.158.717	100,0

Fonte: UNESCO (1955)

Do total destes imigrantes, quase 60% se dirigiu ao estado de São Paulo, convertendo-se no mais importante receptor de imigrantes do Brasil, devido principalmente as suas políticas imigratórias e a posterior “chamada” de familiares de imigrantes.

101

Navegar é preciso (ou obrigatório)

PANARIZO: Mira: en la tierra de Jauja, hay unos asadores de trescientos pasos de largo, con muchas gallinas y capones, perdices, concejos, francolines (aves muy apreciadas en la mesa)

....

MENDRUGO: ¡Oh, cómo los como yo éstos!

PANARIZO: Y junto a cada ave, un cuchillo, que no es de menester más que cortar; que ellas mismas dicen: “engúlleme, engúlleme”.

(*La Tierra de Jauja* de Lope de Rueda)

Como bem aponta Francesc Granell², a tradição decretava que a Espanha sempre havia sido um país de “emigração”, desde a época do poderio colonial e depois, sempre servindo como uma opção para aliviar a pressão demográfica que se viu potencializada ao final do século XIX, numa Espanha deficientemente industrializada e com uma agricultura incapaz de alimentar tantas bocas. Essa é uma das teorias – a

¹ SANTOS, 1996, p.13

² GRANELL, Francesc. “España, Migraciones y Sociedad”, Fundación Carolina. [Disponível aqui](#). Acesso em jan. de 2007.

pressão demográfica – que se maneja na hora de buscar uma explicação para a grande emigração espanhola nesse período.

Além do dito anteriormente e aprofundando nas condições da Espanha no transcurso do século XIX (um século longo para os espanhóis), esta passou por constantes problemas políticos que, irremediavelmente, derivaram em conflitos de caráter social. Lutas de poder na península e perdas de poder em ultramar foram a tônica de um país ferido e dividido. Sublevações militares, constituições, revoltas políticas, monarquia quebrantada e recolocada, tudo isso não fazia mais que golpear o frágil setor agrícola, que ao cabo seria o principal grupo a emigrar.

É durante esse longo século que a pressão demográfica apareceu como uma característica particular que contribuiu para a formação de uma hipótese sobre a emigração relacionada à terra.

“Cómo en 1492, la España de 1900 seguía viviendo, por eso, de la llamada trilogía mediterránea principalmente: Trigo, vid y olivo”³. Existiam outras fontes agrárias, mas historicamente foram estas a base econômica primordial, e o alimento básico de muitos espanhóis seguiu sendo o pão de trigo.

O barateamento do transporte marítimo e do transporte em geral durante a segunda metade do século XIX, “permitió que los trigos americanos, australianos y rusos llegaran a muchos mercados españoles a precios más bajos que los del propio trigo español. Como consecuencia de esta nueva situación, muchos labradores se dedicaron a otras labores o emigraron a centros urbanos”⁴. Esta migração interna, se bem aliviou as pressões do campo, não foi suficiente para acabar com a fome:

[...]La economía de los españoles siendo principalmente agrícola tenía un problema básico de primerísimo orden: El reparto de propiedad⁵. [...] Zonas del sur y del oeste de la península habían heredado una estructura de grandes propiedades de suerte que la tercera parte del suelo español de dominio privado la constituían fincas de más de 250 hectáreas, y aún había otro 10 por ciento de predios cuya extensión oscilaba entre las 250 y las 100 hectáreas⁶. [...] Al otro extremo, otro 30 por ciento de aquella extensión se hallaba repartido en minifundios, con menos de cinco hectáreas cada uno, con cuya

³ GALLEGO, 1988, p.31

⁴ *Ibid* p.32

⁵ *Ibid* p.33

⁶ *Ibid* p.34

producción difícilmente podía vivir una familia; aunque hubiera, desde luego, diferencias muy grandes en la naturaleza de la tierra en cuestión⁷.

Segundo Gallego, no ano de 1900, 66% dos espanhóis ativos trabalhavam na agricultura.

Durante o século XIX, a Espanha havia tido uma baixa no crescimento populacional, devido basicamente ao atraso econômico que derivou numa alta taxa de mortalidade e uma natalidade moderada. No referido a alta taxa de mortalidade, deveu-se à crise de subsistência que enfrentou a Espanha durante o século XIX e a natalidade era uma das mais baixas da Europa, por uma diminuição na fertilidade relacionada à superpopulação do campo.

O panorama geral da agricultura não era o melhor, a evolução técnica desta, era quase inexistente e seu crescimento era modesto apesar de ser a principal fonte econômica do século XIX espanhol. Uma das evoluções da agricultura foi por meio da expansão da superfície cultivável sem alterar a trilogia mediterrânea. Os principais atrasos na agricultura foram devido às condições naturais que ofereciam os terrenos (aridez, altitude, solo rochoso etc.) e também a questões político-sociais. Nas grandes cidades espanholas a situação não era alentadora, um déficit na urbanização destas cidades e um grande número de artesãos e trabalhadores assalariados e mulheres trabalhadoras do lar promoveram constantes revoltas contra o sistema da burguesia empresarial e a velha aristocracia. A população agrícola era a mais numerosa, era o “proletariado agrícola” formado por jornaleiros e criados.

Dadas às circunstâncias, a emigração foi como uma válvula de escape e entre 1822 e 1899. Essa prática foi numerosa tendo a América como porto seguro e entre 1880 e 1930 foi massiva pela pressão demográfica, pela redução do valor das passagens e dos tempos da navegação a vapor, pela atração que supunham as economias americanas em constante crescimento, por fugir das questões políticas de conflitos militares em que se envolvia a Espanha (Cuba, guerra contra os Estados Unidos, situação de conflito nas novas colônias africanas do Rife, entre outras).

Nesse contexto, o Brasil apareceu reluzente no horizonte dos desejos de uma vida melhor para as gentes espanholas.

⁷ *Ibid* p.34

As histórias de uma economia crescente, a ampla necessidade de mão de obra para trabalhar no campo – num primeiro momento – e, mais tarde já no século XX, para trabalhar nas indústrias como técnico especializado. A subvenção da viagem por parte do governo brasileiro e o reparto inicial de terras, faziam desta terra (no imaginário coletivo destes emigrantes) uma nova *Tierra de Jauja*.

Novas tradições chegaram com eles, e também novas ideias políticas relacionadas às questões sociais da era industrial.

Qual foi a causa que provocou esse êxodo massivo de espanhóis à América em geral e logo ao Brasil como algo pontual? A segunda parte desta pergunta pode-se responder graças à série de políticas do governo brasileiro em promover a importação de mão de obra europeia. Porém, para responder a primeira parte, é necessário recorrer à informação detalhada da situação espanhola.

Ricardo Evaristo Santos, em sua obra *“Política Migratoria Española a Iberoamérica: Aporte Brasil a través de los informes consulares en el periodo 1890 – 1950”*, nos oferece uma ampla e detalhada imagem da situação espanhola região por região, cada uma com seus problemas específicos, mas que se somando, mostram uma mesma situação de desesperança, pobreza, opressão, abandono e abusos.

Entre as diversas causas que incidiram na imigração espanhola para a América no período de 1892, podemos encontrar:

PROVÍNCIAS	SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA
Álava	População Excessiva: Falta de trabalho, propensão emigratória, principalmente nas mulheres jovens que são buscadas e favoravelmente acolhidas nas repúblicas sul-americanas.
Albacete	Perda total da indústria do esparto ⁸ .
Alicante	Secas continuadas: costume arraigado de emigrar temporariamente a Argel, Orán e Constantina.
Almería	Prostração absoluta da agricultura, da indústria e do comércio: Secas e inundações que sofreu no período, despovoamento dos seus montes, decadência mineira e diminuição do esparto, antes principal elemento de

⁸ Tipo de gramínea localizada no norte da África e na Península Ibérica.

	riqueza, excesso de tributos e jornaleiros; falta de comunicações com o interior.
Badajoz	Baixa acentuada da produção agrícola: Exportação muito restringida do gado de suíno, antes principal gênero de riqueza; excesso de braceiros; tendência à emigração que se efetua para Lisboa.
Baleares	Redução quase total do comércio com o exterior: Falta de trabalho.
Cáceres	Causas semelhantes às de Badajoz.
Cádiz	Crises comercial e industrial: Exportação restringidíssima dos seus vinhos pela questão dos tratados; mal-estar geral e complicações de caráter socialista.
Canarias	Secas constantes: Falta de trabalho agrícola; crise geral econômica e tendência migratória tradicional, tanto às regiões da África como as do novo mundo.
Castellón	Baixa na exportação da laranja: Dificuldades nos câmbios.
Ciudad Real	Estancamento de seus vinhos e cereais: Excedente de jornaleiros.
La Coruña	Densidade excessiva da população geral a emigrar, seja em busca do bem-estar, ou por sugestões das agências de emigração, ou também por eludir o serviço das armas.
Cuenca	Crise comercial: Despovoamento dos montes; falta de trabalho.
Gerona	A emigração, em geral, dos habitantes desta província se efetua clandestinamente pela via terrestre, embarcando em Marselha para distintos pontos com especialidade para América. Estimulada pela pobreza do país e os altos impostos, e nos jovens o desejo de eludir o serviço militar.
Granada	Perda sucessiva das colheitas; carência de indústrias; escassez de trabalho.
Guipúzcoa	Mal-estar geral como consequência da última guerra civil; paralisação das indústrias serícola ⁹ , de ferrería ¹⁰ etc; atraso da agricultura.
Huelva	Paralisação da indústria mineira: Menor ocupação de braceiros em vinho tinto; repetição das más colheitas e esgotamento dos campos, em decorrência, em muitos, dos célebres "humos".

⁹ Indústria da seda.

¹⁰ Fabricação de ferramentas ou utensílios de ferro.

Huesca	Perda repetida de colheitas a causa da seca; tributação insuportável por esta causa.
Jaén	Diminuição da indústria mineira: Esgotamento dos campos; excesso de braceiros.
León	Dano na indústria por tratados de comércio e preço dos câmbios; empobrecimento da antes florescente riqueza pecuária.
Lérida	Perda repetida das colheitas por causa da seca; tributação difícil de suportar por este motivo. Grande parte da emigração dos jovens se efetua clandestinamente pela fronteira a fim de embarcar na França para alguma das Repúblicas Sul-africanas.
Logroño	Decadência da indústria "pañera e ferrera" ¹¹ ; excesso das tributações.
Lugo	Densidade excessiva da população; divisão exagerada da propriedade; escassez e atraso da indústria; perda da riqueza pecuária.
Madrid	Desequilíbrio entre as jornadas da classe obreira e jornaleira e o preço das moradias e dos artigos de consumo.
Málaga	Crise comercial e agrícola.
Murcia	Prostração da indústria mineira; falta de outras indústrias; danos repetidos nos campos pelas inundações e equivocados sistemas de cultivo; preponderância da usura e impossibilidade de concorrência da utilização dos espartos da província pela grande importação dos da Argélia.
Navarra	Efeitos nocivos da última guerra civil; ruína da agricultura; escassez da indústria; sugestões das agências de emigração do Uruguai e Río de la Plata, em especial as mulheres jovens.
Orense	Escassez da agricultura; más colheitas; escassez de capitais; desenvolvimento da usura; ruína da população vinícola, por efeito da filoxera, especialmente nos Partidos Judiciais de Verín e Valdeorras; subdivisão exagerada da propriedade; impossibilidade de pagar os impostos; travas ao comércio de exportação de gados e falta de vias diretas de comunicação.

¹¹ Indústria de panos e indústria de utensílios de ferro.

Oviedo	Densidade excessiva da população; divisão exagerada da propriedade; escassez e atraso da indústria; más colheitas, falta de trabalho.
Palencia	Paralisação da indústria de lã e da fabricação de farinhas; esterilidade da agricultura; impostos crescidos.
Pontevedra	Persistência de más colheitas; falta de trabalho; desenvolvimento da usura.
Santander	Ruína da indústria farinheira; estado precário do comércio em geral; afã aventureiro.
Soria	Despovoamento dos montes; crise comercial, falta de trabalho.
Tarragona	Persistência de más colheitas; ruína do comércio pela falta de tratado com a França que paralisou o tráfego de vinhos, antes importante.
Teruel	Comunicações difíceis; atraso da agricultura; carência absoluta de indústria e comércio.
Toledo	Calamidades sofridas; crises agrícolas; carência de indústria.
Valencia	Secas continuadas; o excessivo da tributação e de gastos do cultivo.
Vizcaya	Dificuldade de achar trabalho nas minas, a indústria férrea; a construção de navios; pobreza da agricultura.

A situação mostrada pelo quadro anterior, não reflete todo o espectro da necessidade de emigrar. À parte do fator socioeconômico também estava a questão subjetiva que quase sempre determinou o primeiro movimento ao momento de emigrar, pois o imaginário e o autoconvencimento de que “tudo melhorará” foi, também, o motor das pessoas em sua busca.

Também este fator subjetivo poderia ter tido o efeito oposto, ou seja, a eterna lembrança da terra própria, nunca esquecida e sempre desejada. A *morriña* com certeza se deixou sentir muito fortemente nesta terra brasileira, lar de tantos galegos, que lhe deram esse nome à nostalgia.

Leopoldo D’Ozouville num artigo aparecido em 1916 escreveu:

Marchan unos, impulsados por su espíritu aventurero e inquieto; otros henchidos por el espejismo de las lejanías, por la sugestión de lo desconocido, por la ilusión de un azar vago y misterioso;

éstos, porque habiendo ocupado con anterioridad una posición desahogada no se aviene su mal entendido orgullo a delatar su actual pobreza y prefieren ocultarla donde nadie los conozca, siquiera se vean constreñidos a aceptar ocupaciones impropias de su clase y su cultura; aquéllos, porque son tan débiles de carácter que se dejan arrastrar por cualquiera, o tan crédulos que aceptan sin discusión cuando interesada o desinteresadamente se les propone, y muchos, también, se expatrian por ambición, por eludir el servicio militar, por huir del acreedor o los rigores del código penal, etc.¹²

Este artigo mostra de forma clara o poder da questão subjetiva que moveu, também, à emigração. Fica em evidência que os incentivos psicológicos são tanto positivos (conquistar riqueza) como negativos (fugir de credores ou das políticas de segurança nacional, noutras palavras, alistamento militar para as guerras coloniais). São estas mesmas pessoas que ajudaram a dar forma a nossa sociedade. É por este último motivo que sempre recriamos histórias românticas do valente, do empreendedor, do atrevido imigrante, e pensamos de forma muito segura que a *madre patria* abandonada é a que, ao final de contas, perdeu; mas, muitas vezes esse atrevido imigrante vinha fugindo ou escapando de responsabilidades. É esse mesmo imigrante que participou do que chamamos conformação social brasileira.

O fator geográfico foi também importante na hora de emigrar. Pelas características geográficas e por sua localização no mapa europeu, vemos como a Espanha avança sobre o Atlântico propiciando uma comunicação mais direta e facilitada com a América, justo numa época em que as viagens a vapor haviam barateado consideravelmente (oito dias para a Havana, treze a Buenos Aires, Rio de Janeiro e Santos).

No caso particular dos espanhóis no Brasil, como bem indica José Sebastião Witter no artigo "*Os Espanhóis no Brasil*", este "constitui-se no terceiro contingente humano estrangeiro a participar da ocupação demográfica no Brasil, durante o período da imigração maciça para o país no período compreendido entre 1870 e 1930."¹³

Existe uma evidência clara sobre o papel que cumpriram os espanhóis na formação e conformação da sociedade brasileira. Mas apesar disto, os estudos sobre imigração espanhola e sua influência no Estado de São Paulo, seja na capital ou em cidades do interior como, por exemplo, Sorocaba, surpreendem por sua escassez e/ou

¹² D'OZOUVILLE, apud SANTOS, 1996, p. 57,8

¹³ WITTER, 1999, p. 235

ausência. Resulta difícil realizar um levantamento de informação confiável, pois a que está disponível é muito pouca e pode, às vezes, gerar mais dúvidas que certezas.

É importante destacar que nem tudo foi mar de rosas para os espanhóis, e nem para o resto dos imigrantes. Estes muitas vezes encontraram só desencanto em lugar do tão desejado paraíso vendido pelo governo brasileiro na Europa, e eram os imigrantes que retornavam aos seus países a amostra mais importante e clara desta situação e que se encarregavam de contar como era o Brasil real e assim gerar protestos formais de seus países pelo trato, muitas vezes vexatório, que sofreram seus concidadãos.

Conclusão

Para finalizar e em relação aos números oficiais existentes, estes tampouco são de todo confiáveis, pois, há contrastes entre os números de saída da Espanha para o Brasil, os números de entrada no Brasil. Há também os números dos que se devolvem do Brasil para a Espanha, além dos que saiam do Brasil em busca de outras terras sul-americanas, chamados de *Golondrinas* (andorinhas), que faziam trabalhos estacionais na Argentina ou no Uruguai.

Ao não existir um censo de imigração no início do processo, fica de manifesto que nem sempre os números das estatísticas da época estavam corretos.

Também, há a questão muito importante de que, como haviam imigrantes legais vindos com carta convite ou sob o acordo entre os governos, também havia o grupo dos outros imigrantes, dos que iam até Portugal, França ou Gibraltar para fugir da situação de sufocamento a que estavam submetidos: econômico, social ou político. Estes números de ilegais são praticamente inexistentes, deixando clara a problemática em relação a conhecer o número real do processo imigratório.



REFERÊNCIAS

ALONSO, Blanca Sánchez. **Las Causas de la Emigración Española: 1880 – 1930**. Madrid: Ed. Alianza, 1995.

FAUSTO, Boris. Artigo disponível em: <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/consnac/imigra/actualidad> Acesso em: maio, 2007.

GALLEGO, José Andrés. **España en el siglo XX (1900-1978)**, serie Biblioteca Iberoamericana. Madrid: Ed. Anaya, 1988.

GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Elda. **La Inmigración Esperada: La Política Migratoria Brasileña desde João VI hasta Getulio Vargas**. Madrid: CSIC, 2003, p.24.

GRANELL, Francesc. **España, Migraciones y Sociedad**. Fundación Carolina. Disponível em: <http://www.fundacioncarolina.es/NR/rdonlyres/AAB906AC-4C82-4521-861D-0D5948B8FF23/1487/Art%C3%ADculoGranelFC207.pdf>. Acesso em jan. de 2007.

MARTÍNEZ, Elda E. González. **Café e Inmigración: Los españoles en São Paulo 1880 – 1930**. Madrid: Ed. Centro Español de Estudios de América Latina, 1990.

_____. **La Inmigración Esperada: La Política Migratoria Brasileña desde João VI hasta Getulio Vargas**. Madrid: Ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2003.

SANTOS, R. E.; **Política Migratoria Española a Iberoamérica: Aporte Brasil 1890-1950**; Ed. Do Castro, A Coruña; 1996, p.13.

WITTER, J. S. **Os Espanhóis no Brasil**. In **La inmigración española en Chile, Brasil y Argentina**. Michigan: Instituto panamericano de Geografía e Historia, 1999, p.235.

WITTER, J. S. **Os Espanhóis no Brasil**. In SILVA, Hernán (coord.). **La inmigración española en Chile, Brasil y Argentina**. Michigan: Instituto Panamericano de Geografía e Historia de la Universidad de Michigan, 1999.